

Imagem feminina

Kátia Daneu Ortega Noriega*

No despertar da consciência, surge o crescimento e o amadurecimento que, somente na vivência plena, podem ser escritos na forma de poesia. Nas linhas e estrelinhas, marcadas por vocabulário forte e sensual, existe a descrição de uma mulher madura, que se reconhece bela aos sessenta anos de vida, e o seu grito de independência.

○ seu gozo poético libera resquícios de uma criação religiosa e opressora que foi sendo podada em gotas homeopáticas, durante a sua existência.

Nesse despertar, consegue exprimir toda a sua essência de mulher, e ela majestosamente coloca para fora todos os preconceitos e conceitos castrados por uma cultura mascarada pela castidade, onde o amor pudico era acobertado por manobras machistas, dissecando cruelmente as almas femininas que se atreviam a sentir prazer.

Estava uma tarde quente e abafada. O suor escorria pelo meu corpo co-

lando o vestido como uma segunda pele. Resolvi me refrescar. Tirei a roupa e, ao passar pelo espelho, vi minha imagem refletida. A imagem de uma jovem senhora de sessenta anos de idade.

Embora o meu corpo não tivesse mais o viço da juventude, ainda continha a sedução da maturidade. Comecei a fazer poses sensuais, procurando descobrir alguns traços da jovem e bela mulher que tinha sido um dia. Na cadência do balanço de meus quadris, ensaiei uns passos de dança moderna, que vira muitas vezes minha filha dançar.

Observei as longas pernas torneadas onde estavam estampadas algumas marcas que a senescência apresenta, como a me recordar de sua posse, como a demarcar o seu território e assim, com o olhar crítico, fui passeando sobre toda minha superfície corporal, descobrindo e mapeando os locais que o outono da idade me presenteara.

* Assistente Social, Especialista em Gerontologia Social, UESC, 2005.

Com as mãos trêmulas, comecei a fazer o reconhecimento da minha pele, das minhas reentrâncias, e dos meus segredos. Gradativamente, fui descobrindo toda a maciez e exuberância do meu corpo de mulher. Reconheci que estava viva e palpitante. Que, apesar de minha idade madura, maduros eram também os meus sentimentos: vibrantes, lânguidos, excitantes.

E assim, com o pensamento de uma Vênus esplendorosa, enchi a banheira e derramei sais e perfumes; e como vira num filme, desfolhei sobre a superfície da água, pétalas de rosas vermelhas. Como uma ninfa, deleitei-me prazerosamente na água morna, estremeço de prazer ao contato delicioso em minha pele fria. Fiquei um bom tempo refletindo sobre o tempo que havia passado e que agora despejava sobre os meus ombros a responsabilidade de uma idosa.

Com os pensamentos em ordem e a alma rejuvenescida, escolhi no guarda-roupa um modelo sensual. Era um vestido de seda, em suave tom pastel, que moldava as minhas ancas arredondadas, fazendo-me estremecer em contato com sua maciez. As alças finas deixavam os meus ombros à mostra e desnudava o meu colo.

Sentei-me elegantemente e vesti languidamente as meias finas, que revestiram as minhas pernas moldando-as e salientando sensualmente a sua beleza. Calcei um par de sandálias pretas que deram um toque de glamour à minha postura e olhei, com imenso prazer, a figura desenhada na moldura do espelho.

Com mãos de artista, maquiei o meu rosto realçando o olhar de gata manhosa e, com suntuosa maestria, encobri as marcas da idade, que teimavam em aparecer, mas que davam um brilho todo especial a minha sexagenária idade.

Para fechar com chave de ouro toda a minha magnífica produção, usei um perfume francês, borrifando-me seu aroma suave e sedutor e, como uma atriz que termina o seu último ato, fechei as cortinas dos meus aposentos e lancei-me no palco da vida. Com essa sensação de plenitude, me reconheci o centro do universo.

Num movimento contínuo de vibrações e sentimentos, senti rasgarem as minhas entranhas, e num momento orgástico, ejaculei a minha alma num grito de liberdade que há muito jazia hibernando e sufocando a minha essência feminina. Dormi, sonhei, acordei, para continuar vivendo.